



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

OSIOLANY DA SILVA CAVALCANTI

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) E O ENSINO SUPERIOR:
perspectivas e desafios dos alunos egressos da EJA na Universidade**

**CAMPINA GRANDE
MAIO/2021**

OSIOLANY DA SILVA CAVALCANTI

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) E O ENSINO SUPERIOR:
perspectivas e desafios dos alunos egressos da EJA na Universidade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Valdecy Margarida da Silva

**CAMPINA GRANDE
MAIO/202**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C376e Cavalcanti, Osiolany da Silva.
A educação de jovens e adultos (EJA) e o ensino superior [manuscrito] : perspectivas e desafios dos alunos egressos da EJA na universidade / Osiolany da Silva Cavalcanti. - 2021.
52 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva , Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Educação de Jovens e Adultos - EJA. 2. Ensino superior. 3. Formação profissional. I. Título

21. ed. CDD 374

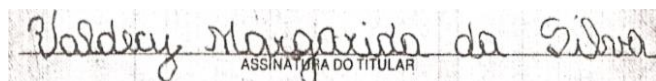
OSIOLANY DA SILVA CAVALCANTI

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) E O ENSINO SUPERIOR:
perspectivas e desafios dos alunos egressos da EJA na Universidade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 03/05/2021.

BANCA EXAMINADORA



ASSINATURA DO TITULAR

Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Orientadora



Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinadora



Profa. Doutoranda Maria Lúcia Serafim
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais (in memoriam), por todo o trabalho e dedicação que tiveram comigo, mesmo não estando em vida para ver essa conquista de sua filha caçula. Os tenho no coração e sei do orgulho que teriam se estivessem comigo fisicamente.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer a todos os amigos e amigas que me incentivaram a realizar o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM após 12 anos distante dos estudos para ingressar em uma universidade. Sem a força de vocês não teria motivações para essa nova etapa de minha vida.

De mesmo modo, quero agradecer ao grande professor Doutor Sebastian Sanches, que com muito amor e carinho, quando pensei em desistir, me deu sua mão no primeiro período e me fez ver a importância de um Curso Superior.

Com a mesma importância, eu quero destacar não apenas uma orientadora, mas uma mãe no percurso deste caminho. Que me fez compreender que o gesto de amor e humanidade persiste por todos os sujeitos sociais. Val Margarida sempre fará parte de minha história, não apenas como professora maravilhosa que tive o prazer de estudar componentes e ser meu norte nesta pesquisa, mas como exemplo de ser humano: generosa, amorosa e esperançosa; buscando dividir essa imensa luz que tem dentro dela para todos. Meu eterno agradecimento.

No percurso acadêmico, também houve muitos professores que me deram apoio, me auxiliaram em trabalhos científicos, que me impulsionaram ao meu crescimento acadêmico e a estes quero agradecer. Porém, assim como nas amizades, que são tão importantes nesse trajeto, não colocaremos nomes para não ser injusta com alguém que por ventura venha esquecer. Meu eterno agradecimento a todos e todas que me acompanharam nesse percurso acadêmico.

A avó de minhas filhas, Dona Fátima, que durante o período de Curso, cuidou e tomou conta de minhas princesas. As alimentou, zelou pelo bem estar delas, preocupou-se comigo e sempre esteve ao meu lado nas horas mais difíceis que passei por essa jornada. Ela também faz parte dessa linda e árdua história.

Aos meus familiares que me ajudaram a seguir e que sempre estenderam sua mão para eu continuar. Mesmo em tempestades, me mostravam que viriam os raios do sol e tudo ficaria bem.

Ao grupo Teatral DENUNCIART, tendo à frente a Professora Doutora Lígia Pereira, que contribuiu para minha formação acadêmica e pessoal. Onde tive o prazer de reviver parte de minha vida e experimentar a alegria da atuação.

Ao Programa de Iniciação Científica – PIBID, que me ajudou não apenas na parte formadora de futura pedagoga, mas também me ajudou a comprar comida, Xerox, pagar inscrições em eventos para meu desenvolvimento educacional, ou seja, financiou parte dos meus gastos nos 18 meses de sua vigência.

Também não poderia deixar de citar os meninos da Xerox, que me ajudaram muitas vezes quando precisei. Dilma (bacana), que em muitos dias de aulas, quando precisei ficar na Universidades nos três turnos, me ajudou e me alimentou para que eu pudesse ficar na UEPB e desenvolver os meus trabalhos.

Agradeço também ao meu cônjuge, Antonio Carlos, que por diversas vezes me ajudou financeiramente e em favores para realização de trabalhos e apresentações na Universidade. A você, meus agradecimentos por todo apoio financeiro durante o Curso.

A todos e todas as pessoas amigas, colegas, ou que se aproximaram para dar uma palavra, seja de conforto ou auxílio nesse caminho que estou trilhando, meu muito obrigada. Cada gesto e palavra me ajudaram a construir essa mulher que hoje sou não acabada, mas evoluindo cada dia com esses exemplos de vida.

Às minhas princesas, Mikaelly e Gabrielly, que sempre estiveram em meus pensamentos e coração. Para vocês todo o meu amor e carinho, pois sem vocês eu não teria nem começado esse sonho que hoje posso chamar de real. Muito obrigada minhas queridas filhas! Tudo é para vocês e por vocês também!

Não há mudança sem sonhos, como não
há sonhos sem esperança!
Paulo Freire (1992)

RESUMO

Refletindo historicamente, a educação brasileira foi um tanto difícil e regradada em se tratando das camadas populares. O próprio Darcy Ribeiro já dizia que a crise da educação do Brasil não é propriamente uma crise, mas um projeto de educação pública. Ao longo da história, observamos que mesmo aqueles alunos das camadas populares que conseguiram adentrar em uma escola, tiveram sua aprendizagem decidida por governos que os “dicionavam” para profissões de favorecimento da classe dominante. Para os alunos de escolas públicas, pensar em um curso superior sempre esteve relacionado a uma luta muito grande totalmente diferente dos alunos oriundos das camadas mais favorecidas. Quando esses alunos conseguiam ultrapassar as barreiras de um exame ou prova para adquirir o direito ao ensino superior, os cursos, em sua maioria, eram “pré-definidos”. Lamentavelmente, feito conseguido pela minoria dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Nessa modalidade, sonhar com quaisquer que sejam as profissões destinadas às classes mais favorecidas era, de certo modo, um tanto quanto impertinente ou ousado demais. O objetivo geral deste trabalho é analisar o trajeto dos estudantes egressos da EJA no ensino superior e, por conseguinte, as profissões almejadas por estes sujeitos, que sempre foram esquecidos e massacrados por poderes políticos, sociais, econômicos e culturais. Também, objetivamos discutir a importância desses sujeitos e suas lutas para terem acesso ao ensino superior, que por muitas vezes sacrificaram seu descanso, sua vida social, sua família, para estudarem em uma modalidade de ensino tão difícil e árdua. Fundamentou-se nas pesquisas desenvolvidas por SILVA (2012), SOARES (2002), SOARES (2003), PAIVA (2016), RUMMERT (2009), FREIRE (1981, 1992, 1993, 1996, 2000a, 2000b, 2005) e tantos outros estudiosos que investigam o campo da EJA no Brasil. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa qualitativa de base exploratória. A coleta de dados foi feita através da aplicação de questionários onde os (as) pesquisados (as) relataram suas experiências de vida, tanto com a Educação dos Jovens e Adultos quanto com demonstrações de suas conquistas e de como estas foram fonte de inspiração para familiares e amigos que almejavam seguir seus passos. Nesse estudo, ouvimos cinco pesquisados de municípios diferentes, no período de março a junho de 2020. Os dados nos permitem compreender sobre estes sujeitos que mesmo com tantas dificuldades em todos os âmbitos sociais conseguem conquistar seus sonhos e objetivos, evidenciando a importância da modalidade da EJA na vida desses cidadãos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Ensino Superior, Formação profissional.

ABSTRACT

Reflecting historically, Brazilian education was somewhat difficult and regulated when it came to the popular strata. Darcy Ribeiro himself already said that the crisis in Brazil's education is not exactly a crisis, but a public education project. Throughout history, we observed that even those students from the lower classes who managed to enter a school, had their learning decided by governments that "directed" them to professions favoring the ruling class. For students in public schools, thinking about a higher education course has always been related to a very big struggle totally different from students from the most favored classes. When these students were able to overcome the barriers of an exam or exam to acquire the right to higher education, the courses, for the most part, were "pre-defined". Unfortunately, this was achieved by the minority of students of Youth and Adult Education - EJA. In this modality, dreaming about whatever professions aimed at the most favored classes was, in a way, somewhat impertinent or too daring. The general objective of this work is to analyze the trajectory of students graduating from EJA in higher education and, therefore, the professions desired by these subjects, who have always been forgotten and massacred by political, social, economic and cultural powers. Also, we aim to discuss the importance of these subjects and their struggles to gain access to higher education, who have often sacrificed their rest, their social life, their family, to study in such a difficult and arduous teaching modality. It was based on the research developed by SILVA (2012), SOARES (2002), SOARES (2003), PAIVA (2016), RUMMERT (2009), FREIRE (1981, 1992, 1993, 1996, 2000a, 2000b, 2005) and so many other scholars who investigate the field of EJA in Brazil. As for the methodology, it is an exploratory qualitative research. Data collection was carried out through the application of questionnaires where the respondents reported their life experiences, both with Youth and Adult Education and with demonstrations of their achievements and how they were a source of inspiration for family members and friends who longed to follow in their footsteps. In this study, we heard five respondents from different municipalities, from March to June 2020. The data allow us to understand about these subjects that even with so many difficulties in all social spheres manage to conquer their dreams and goals, highlighting the importance of the modality of EJA in the lives of these citizens.

Keywords: Youth and Adult Education, Higher Education, Professional training.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
LDBN LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
MOVA	Movimento de Alfabetização
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação e a Cultura.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	.10
2	BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL.....	14
3	METODOLOGIA.....	24
4	A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO DOS PROFESSORES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	26
4.1	Os sujeitos da pesquisa.....	31
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	31
5.1	O caminhar árduo dos estudantes da EJA.....	32
5.2	Ouvir, Refletir, Esperançar: alunos que ultrapassam barreiras.....	33
6	CONCLUSÃO.....	43
	REFERÊNCIAS.....	46
	APÊNCICE – INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	48

1 INTRODUÇÃO

Refletindo historicamente, a educação para a população brasileira foi sempre um tanto difícil e regradada. De acordo com Galvão e Soares (2010), Soares (2007), as classes populares nunca tiveram acesso a uma educação de qualidade. Mesmo os sujeitos que conseguiram ter acesso a uma escola, tiveram suas aprendizagens decididas por governos que direcionavam para profissões que favorecessem a classe dominante, dificultando quaisquer que fossem o desejo desses cidadãos. Isto relacionando ao ensino regular. Mas o que dizer dos alunos egressos da Educação de Jovens e Adultos?

Nesse estudo, ouvimos cinco pesquisados de municípios diferentes, no período de março a junho de 2020. Os entrevistados foram ouvidos a partir de um questionário e escutas on-line, pois a pesquisa se deu em uma situação social pandêmica. Nesse questionário e escutas, obtivemos uma série de dados que enriqueceram esta pesquisa.

Para os alunos de escolas públicas, pensar em um curso superior sempre foi um desafio já que estes entram cada vez mais cedo no mercado de trabalho informal. Segundo notícia do portal CidadeOn, um instrumento informativo da cidade de Ribeirão Preto, SP, baseado em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas - IBGE, apenas 36% dos alunos egressos das escolas públicas conseguem ter acesso ao nível superior, enquanto o percentual dobra, chegando a 79,2% são oriundos da rede privada. Ao longo da história, quando esses alunos conseguiam ultrapassar as barreiras de um exame ou prova para adquirir o direito à Universidade, os cursos, em sua maioria, eram “pré-definidos”. Lamentavelmente, conseguidos por uma minoria de estudantes da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Nessa modalidade, sonhar com quaisquer que seja profissões destinadas à “alta sociedade” sempre foi impertinente, inadequado.

Porém, mostrar a batalha desses estudantes, que sempre foram esquecidos e massacrados por poderes políticos, sociais, econômicos e culturais, para conquistar um lugar ao sol é o principal fundamento desta pesquisa. Não apenas para reforçar a importância desses sujeitos de direito em uma modalidade tão esquecida pelas políticas sociais, mas para também discutir a modalidade da EJA nos documentos oficiais. Neste trabalho discutimos e compreendemos que, apesar dos empecilhos sociais, culturais e políticos do nosso país, alguns sujeitos conseguiram e

conseguem quebrar as barreiras do preconceito e avançaram com a ajuda da Educação de Jovens e Adultos para o acesso ao ensino Superior, conquistando seu lugar nas profissões desejadas e sonhadas.

O objetivo geral deste trabalho é analisar o trajeto dos estudantes egressos da EJA no ensino superior e, por conseguinte, as profissões almejadas por estes sujeitos, que sempre foram esquecidos e massacrados por poderes políticos, sociais, econômicos e culturais. Em se tratando dos objetivos específicos, objetivamos discutir a importância desses sujeitos, suas lutas para adentrar as portas do ensino superior, que por muitas vezes sacrificaram seu descanso, sua vida social, sua família, para estudarem em uma modalidade de ensino tão difícil e árdua. Ao analisar a realidade desses sujeitos nos deparamos com casos em que acordava às quatro horas da manhã para sua labuta no sítio de seu pai, parando apenas para almoçar, em seguida voltando ao cabo da enxada até às dezoito horas, tomando um banho rápido e partindo para a escola, distante de onde mora, assistir aulas até as 21:00 horas, quando retornava ao seu lar. As atividades e estudos para ingressar no ensino superior passavam por madrugadas e finais de semana mal dormidos e de dedicação insana.

Objetivamos, também, discutir a importância dos professores nesse percurso. Salientando que este professor não é apenas professor da modalidade da EJA, no ensino noturno. Precisa, também, trabalhar no ensino regular diurno, não apenas em um turno, mas os dois turnos (manhã e tarde), onde ensinar na sala da EJA é seu terceiro turno, que dependendo do ciclo ao qual faz parte (ciclo I, séries iniciais do ensino fundamental I; ciclo II do 6º ao 9º ano do fundamental II; ciclo III, ensino médio) acaba desempenhando suas tarefas em diversas séries ao longo da Educação Básica. Este professor está o dia inteiro e horário completo na escola, ou ainda mais agravante, tendo que se deslocar em alternadas escolas da cidade, ou intermunicipal, para conseguir cumprir com suas responsabilidades financeiras pessoais, familiares, que ao longo dessa jornada histórica da Educação de Jovens e Adultos, nunca foram de fato valorizados, seja financeiramente ou reconhecidos pelas autoridades educacionais.

Ao professor dessa modalidade cabe uma sobrecarga de trabalho e uma desmotivação para o ensino em função do preconceito que a EJA enfrenta. Lacunas na formação dos professores, escolas sucateadas, com falta de material didático, falta de estrutura física são alguns dos problemas enfrentados. Mesmo com o

esforço dos profissionais da educação para tornar essas políticas válidas em sala de aula, encontrando barreiras no processo de garantia do direito à educação pública gratuita e de qualidade para esses sujeitos.

Segundo dados do Instituto Nacional de Estudo e Pesquisas Anísio Teixeira – INEP, em um questionário realizado no ano de 2010, 44% dos alunos trabalham no ensino médio. Percentual de, 29,1% dividiram seus estudos com o trabalho durante todo o período em que cursaram o Ensino Médio.

Sabemos que esse percurso não é fácil e que nem todos conseguem êxito ao final da trajetória. Os números do fracasso escolar estão aí para confirmar o que estamos afirmando. Neste sentido, a presente pesquisa reafirma a significância desta modalidade EJA como etapa relevante para a vida dos sujeitos que não tiveram acesso à escola na idade própria. Sabemos o quanto esta modalidade precisa de investimentos para que os sujeitos tenham uma melhor estrutura e possam ser realmente incluídos na escola com um acolhimento justo e um ensino de qualidade, embora se reconheça alguns avanços por eles mesmos expostos.

O estudo está fundamentado em pesquisas desenvolvidas por SILVA (2012), SOARES (2002), SOARES (2003), PAIVA (2016), RUMMERT (2009), FREIRE (1981, 1992, 1993,1996, 2000a, 2000b, 2005) e tantos outros estudiosos que investigam o campo da EJA no Brasil.

O presente trabalho monográfico está dividido em três seções: a primeira apresenta breve histórico sobre a EJA à luz dos pesquisadores Galvão e Soares (2010) que nos conduzem a uma trajetória da educação dos jovens e adultos, desde a catequização dos Jesuítas, com a finalidade de introduzir a cultura lusitana no Brasil, e tornar os povos indígenas que habitavam estas terras, que (consideravam povos brutos) à condição de obediência e servidão, retirando sua língua, costumes. Esta seção avança até as considerações da Constituição Federal, passando pela criação da lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB – Lei Nº 9394/96, juntamente com o estudo da proposta Curricular da cidade de João Pessoa/PB.

Na segunda seção, discutimos sobre os sujeitos da EJA, sua trajetória e as dificuldades para ter acesso ao ensino superior, com norte em fundamentos freireano, como Freire (1981, 1992, 1993...) em suas pesquisas e experiência com estes alunos vivenciados na cidade de Angicos – RN, na qual alfabetizou cerca de 300 trabalhadores rurais. Discutimos também a importância do professor da EJA e suas dificuldades. Neste capítulo nos baseamos nas pesquisas de Silva (2012), que

problematiza as dificuldades dos professores, que em sua formação não tem aprofundamento teórico para a realização do trabalho com os alunos da EJA, em que estes incluem dar aulas em três turnos e/ou em municípios distantes para sustento próprio e de seus familiares, que procuram a seu modo compreender os alunos da Educação de Jovens e Adultos. No terceiro capítulo trabalhamos os dados e relatos da pesquisa analisando-os. Foram pesquisados alunos das cidades de Campina Grande, Pocinhos, Guarabira e João Pessoa, com idade entre 26 a 41 anos, advindos da escola pública, que não puderam terminar o ensino regular por questões de trabalho, por casamento, ou como em um dos casos, o autoritarismo do pai e tiveram que concluir a educação básica em turmas de Educação de Jovens e Adultos.

2. BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Em meio à pesquisa desenvolvida para este trabalho, percebe-se a dificuldade em se falar historicamente na educação da EJA no País. Na verdade, em todo o continente latino americano. Denota-se este fato por conta de tantos preconceitos e divisões de “classes sociais” que, por tantas vezes, tem marcado a sociedade mundial, por ganância de poder e por querer garantir a mão de obra barata.

Neste tópico, fazemos um breve percurso histórico da EJA no Brasil. À luz dos pesquisadores Galvão e Soares (2005), nortearão nossos estudos históricos sobre a educação no Brasil. Faremos alguns recortes históricos abordando desde a colonização portuguesa, com seus processos de catequização, até os dias atuais.

De acordo com Soares de Galvão (2010), no processo de colonização, com a chegada dos portugueses ao Brasil, Portugal seguiu um plano de fazer um trabalho de aculturação com os indígenas, implantando sua forma de perceber o mundo e para tanto, utilizou os padres jesuítas, dando a estes não apenas a missão de ensinar sua religião, na qual os índios foram obrigados a seguir; mas também, através da catequização, “educar” este povo a seguirem os preceitos de Portugal, tornando esses padres os principais agentes de educação do período entre 1549 a 1759. Após essa data, os padres jesuítas foram expulsos pela nova forma que Portugal dirigia a economia e política brasileira.

Ao educar, os jesuítas começavam pelas crianças por ser de mais fácil influência nas novas modificações da vida dos indígenas. De mesmo modo que essas crianças interagem com os adultos, tornando o trabalho em um processo somatório, incluindo a aprendizagem dos adultos no contexto atual daquele povo. O interesse pelas crianças se justificava por essas serem mais “dóceis” e pouco resistentes ao processo de catequização.

Nesse processo de catequização, os jesuítas precisaram compreender a língua do povo indígena, que além de muitos dialetos, tinha por base algumas línguas, incluindo o Tupi Guarani. Essa estratégia foi necessária para que eles pudessem ter uma comunicação, uma ponte entre os novos ensinamentos para a unificação da língua portuguesa, unindo-se da religião católica, dando início à aculturação.

Para instruir os índios foram criados alguns documentos literários. As gramáticas elaboradas principalmente pelo padre Anchieta eram muito utilizadas pelos jesuítas que aproveitavam para unir o catecismo e as doutrinas estabelecidas pela igreja católica, deixando para os missionários o ensino sistematizado, sugerindo uma escrita oral do Tupi Guarani, porém com as características e aprendizagem inspiradas no catolicismo.

Apesar do trabalho que se seguiu para esse ensino-aprendizagem, pouco se sabe historicamente, se de fato, mulheres e adultos foram realmente alfabetizados, tendo em vista o temor dos portugueses pela língua Tupi através da qual os padres a população indígena estavam a se comunicar. Após esses anos da catequização dos jesuítas tivemos a expulsão dos padres e o começo do ensino secundário, utilizando a forma de aulas régias no período de Sebastião José de Carvalho e Melo: o Marquês de Pombal. Este foi o Primeiro-Ministro lusitano e comandava a mãos de ferro, período este que ficou conhecido como pombalino. Sendo este ensino, nesse recorte histórico, o primeiro ensino público no Brasil. Neste período foi de responsabilidade total da Coroa ensinar apenas a língua portuguesa, excluindo qualquer outro dialeto.

Percebemos que o século XIX teve fatos importantes para o desenvolvimento institucional escolar no Brasil. Definindo formas de espaços escolares, dos saberes, o conjunto de instrumentos utilizados nas escolas até as possíveis formações dos professores. Pensando-se também em como inserir nesse contexto escolar as “camadas inferiores da sociedade” (homens e mulheres pobres e que conseguiram sua liberdade, negros e negras que foram libertos de sua escravidão), para terem sua formação escolar.

No ano de 1834 as províncias começaram a desenvolver, através do Ato Adicional, instrução para as pessoas das classes populares, em um contexto primário e secundário, políticas voltadas para a instrução de jovens e adultos. Um exemplo dessa instrução no conhecido estado de Pernambuco citado por Soares e Galvão (2005 p. 31) afirma:

“Em Pernambuco, várias são as referências, nos documentos da Instrução pública do período Imperial, as aulas noturnas ou aulas para adultos, existente na província (...). O ensino deveria ser dividido em duas seções: uma para os que não tinham nenhuma instrução e outra para aqueles que já possuíam alguma. Deveria ser dado nas escolas noturnas criadas pelo governo na capital e na sede de cada termo, nas escolas dominicais, na

escola da casa de detenção para os presos, e na aula dos cegos no “Asylo de mendicidade”. Além disso, o regimento previa ainda que outras aulas para adultos poderiam ser estabelecidas por professores que gratuitamente, a isso se propuserem, mediante autorização do presidente da província funcionando na casa e com os móveis da escola diurna”.

Relevante observar que para estes professores dispostos a ensinar aos alunos (as) adultos (as), deveria fazer por motivo de doação dos seus esforços de trabalho e gesto de compaixão, pois estes além de trabalharem no turno diurno, tinham que dar estas aulas gratuitamente, utilizando apenas o local que as aulas dos turnos manhã e tarde eram realizadas. Vale salientar que estas pessoas não possuíam nenhum tipo de formação. Só precisavam saber ler e escrever, como afirma Galvão e Soares, (2010).

Mesmo obtendo nas províncias um “direito” ao ensino escolar, percebemos como essa instrução continuava sendo observada e regradada perante o poder político da constituição, assim como vimos com os Jesuítas. Tudo que era destinado de material para os alunos da EJA precisariam ser escolhidos e aprovados pelo regimento político. Os direitos e deveres dos alunos inseridos nos livros deveriam estar estritamente retirados da Constituição Imperialista, tendo um caráter de utilidade prática para a “civilização” dos que estavam à disposição do país. Ou seja, não existia uma preocupação com a formação do pensamento crítico já que o ensino estava pautado na repetição dos conteúdos.

Em concomitância com o ensino de instrução dos adultos, os que estavam à frente desse trabalho, os professores voluntários, desempenhavam a labuta de arrancar as formas “errôneas” destes sujeitos, ensinando a língua nacional para retirar certos “vícios linguísticos” das camadas populares. Era este o pensamento da época. Um total desconhecimento ou respeito às línguas e às diferentes formas de expressão.

Com o trabalho de “alfabetizar” os adultos, ao passar dos anos, foi elevando o preconceito para com aqueles que não sabiam “ler e escrever” sendo sancionada a Lei Saraiva, no ano de 1881. Com a criação dessa lei, foi impedido que as pessoas que não tivessem instrução pudessem votar, pois até então, as proibições de votação haviam sido baseadas em natureza social e econômica. Essa lei também fazia exclusão dos que não profanavam a fé católica, libertos e naturalizados. Com essa triste divisão, os que não tinham nenhuma instrução continuaram sendo excluídos e ridicularizados pela sociedade, incluindo os sujeitos da zona rural,

tornando a vida dos que foram retirados os direitos um tanto mais difícil e excludente.

De acordo com as pesquisas de Galvão e Soares (2010), com a primeira Constituição Federal datada de 1891 foi proibida a votação de brasileiros analfabetos, o que antes era prescrito por renda. Sendo assim 80% dos brasileiros ficaram sem poder exercer o direito ao voto. O censo de 1890 alertava que a cada 10 brasileiros, apenas dois conseguiam ler cartas, jornais, livros... O restante da população necessitava de alguém para fazer tais leituras, tornando nos anos seguintes a mobilizações de intelectuais da época. Em meio às mobilizações que o país enfrentava os estados que tinham em sua política os “renovadores” ousaram implantar seus próprios sistemas educacionais, tendo em vista que não havia uma política nacional implementada.

Logo, todos os estados estavam dispostos a erradicar o analfabetismo, no menor tempo possível. Porém, alguns desses intelectuais a exemplo do Carneiro Leão temia que a alfabetização sem um controle pudesse se tornar uma anarquia. Com esse pensamento, percebemos que por mais que os intelectuais da época quisessem modificar o estado de analfabetismo no país, existia um temor em relação à liberdade intelectual e autonomia para esse povo. Como vemos esse pensamento ainda é atual, pois os cortes do orçamento da educação só confirmam o medo da elite de ver os menos favorecidos alfabetizados e politizados.

Após o término da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo, novos ares retomam o desejo de Alfabetizar os Jovens e Adultos. A Lei Orgânica do Ensino Primário no ano de 1947 teve como intuito implantar o supletivo. Assim surge uma campanha de grandeza Nacional, mobilizando a população para a diminuição do analfabetismo, que no contexto histórico da época estava com 56% dos brasileiros analfabetos.

Com a intervenção da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), a campanha tomou maior folego e deu uma nova repaginada na EJA. Para esse segmento, houve a criação de outros materiais pedagógicos, como cartilhas, livros, folhetos, dentre outros, como algumas produções sobre higiene, saúde e conservação de alimentos. Nesse período o ensino seguia uma tendência bem tradicional. No processo de alfabetização era utilizado o método silábico, onde a partir das letras se passa para palavras, frases e em seguida os textos.

Uma alfabetização que seria realizada no período trimestral, por conseguinte, um primário dividido em dois períodos, um com tempo de sete meses, posterior a essa etapa o estudante poderia realizar cursos profissionalizantes para trabalhar na comunidade. Ou seja, havia o período de alfabetização e outro período destinado à profissionalização dos sujeitos. Como sabemos a mão do mercado sempre esteve presente nas decisões da escola e nos fins da educação.

Com a década de 50 e 60 vieram também movimentos populares para a Educação dos Jovens e Adultos, com a filosofia baseada no estudioso e saudoso Paulo Freire.

Não poderíamos deixar de contemplar o percurso tão grandioso e marcante deste patrono da educação. Segundo Frazão (2019), Paulo Freire nasceu no Recife, Pernambuco, no dia 19 de setembro de 1921, filho de Joaquim Temístocles Freire, capitão da Polícia Militar, e de Edeltrudes Neves Freire. Morou na cidade do Recife até 1931. Após esse período foi morar na cidade de Jaboatão dos Guararapes por dez anos.

Aos 13 anos perdeu seu pai, ficando a responsabilidade de cuidar dele e de seus três irmãos para sua mãe. Sem condições de pagar seus estudos dona Edeltrudes conversou com o gestor da escola Osvaldo Cruz no Recife. Este permitiu a continuação de Paulo Freire na condição que ele fosse auxiliar de sala. Desse modo, terminou os estudos e voltou à escola. Agora como professor de Letras e de Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes da Universidade de Pernambuco.

De acordo com Frazão (2019), no ano de 1947 Paulo Freire foi nomeado diretor do setor de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria. Em 1955, junto com outros educadores, fundou, no Recife, o Instituto Capibaribe, uma escola inovadora que atraiu muitos intelectuais.

A iniciativa do educador para alfabetizar Jovens e adultos foi aplicada pela primeira vez em 1962, na cidade de Angicos no sertão do Rio Grande do Norte, quando foram alfabetizados 300 trabalhadores da agricultura. O projeto ficou conhecido como “Quarenta horas de Angicos”. Os fazendeiros da região chamavam o processo educativo de “praga comunista”.

Infelizmente, com o golpe de 1964, Paulo Freire foi acusado de agitador e levado para a prisão onde passou 70 dias. Em seguida, após ser libertado, se exilou no Chile com sua esposa.

Durante cinco anos, segundo Frazão (2019), Paulo Freire desenvolveu trabalhos em programas de educação de adultos no Instituto Chileno para a Reforma Agrária. Em 1969 lecionou na Universidade de Harvard. Viajando pelos países, Freire dava consultoria na educação, incluindo Genebra e Suíça.

Em 1980, com a anistia, Paulo Freire retornou ao Brasil, estabelecendo-se em São Paulo. Foi professor da UNICAMP, da PUC e atuou como Secretário de Educação da Prefeitura de São Paulo na gestão de Luísa Erundina.

Por seu trabalho na área educacional, Paulo Freire foi reconhecido mundialmente. Ele é o brasileiro com mais títulos de Doutor Honoris Causa de diversas universidades. Ao todo são 41 instituições, entre elas, Harvard, Cambridge e Oxford.

A proposta de alfabetização de Paulo Freire tinha como princípio a mediação de conhecimento. Paulo Freire via a educação como possibilidade de libertar os sujeitos.

O método de alfabetização de Paulo Freire nasceu no interior do MCP – Movimento de Cultura Popular do Recife que, no final da década de 50, criara os chamados **círculos de cultura**. Segundo o próprio Paulo Freire, os círculos de cultura ‘não tinham uma programação feita *a priori*. A programação vinha de uma consulta aos grupos, quer dizer: os temas a serem debatidos nos círculos de cultura, era o grupo que estabelecia. Cabia a nós, como educadores, com o grupo, tratar a temática que o grupo propunha (GADOTTI, 1991, p. 33).

Paulo Freire se diferenciou na sua forma de Alfabetizar porque o seu compromisso político com a educação e, mais particularmente, com a Alfabetização adveio de sua preocupação em Alfabetizar os adultos/trabalhadores a partir de suas problemáticas relativas às temáticas propostas por eles; de modo que fazia com que os adultos/trabalhadores refletissem a sua condição de **oprimido**, ao tomarem conhecimento dos seus direitos para, de posse deles, poderem se conscientizar de que, o foco do **opressor** é a sua preocupação exclusiva com o lucro, com a mais valia tão refletida em Marx. Nesse sentido, se o adulto/trabalhador não tem essa clareza, será sempre “ludibriado” pelo patrão.

Segundo pesquisas de Silva (2012), a forma de ensino de Freire consistia em três momentos, no primeiro, investigativo, buscava junto com seus alunos, palavras

e temas que fossem da compreensão dos sujeitos e do meio em que viviam; em segundo, na tematização, direcionava o estudo para a consciência do mundo e a reflexão das abordagens sociais dos assuntos trabalhados e por fim, a problematização, em que consiste na criticidade e visão consciente do que se passa no mundo e ao redor dos estudantes. Diferente das outras propostas de alfabetização trazia consigo o pensamento reflexivo, autônomo, com a alfabetização partindo do contexto social em que os sujeitos estavam inseridos.

Nesse pensamento autônomo, a pesquisadora Silva (2012, p.32), Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UEJR), professora Adjunta do Departamento de Educação da UEPB, traz uma reflexão sobre esse ensino-aprendizagem e de como deve proceder para o estudante. De acordo com a autora, esses sujeitos:

Trata-se de um leitor que investiga, analisa, constrói hipóteses, avalia e transforma. Um sujeito que busca e elabora ferramentas materiais, sociais e intelectuais, e se projeta para o futuro, em busca de sua autonomia, sua emancipação. Para dar conta de seu próprio futuro, bem como de tudo o mais que venha a desejar e conceber, até mesmo um texto, esse leitor necessita desenvolver a capacidade intelectual de ir além da percepção de mundo real, de ir ao encontro da abstração, seja como um devaneio lúdico, de onde possa experimentar o imaginário, seja como um planejamento formal, de onde surja o desenho de um ser possível mais adiante.

Nesse período histórico em que se expandiram as ideias freireanas, na perspectiva de conscientizar a população de seus direitos, em todo o país houve, por parte dos civis, movimentos de educação popular; buscando mostrar aos brasileiros que alfabetizados poderiam contribuir para uma transformação da sua realidade social, buscando melhorar em todos os aspectos a vida da população do Brasil. Na perspectiva Freiriana o saber e cultura de toda a sociedade, seja ela alfabetizada ou não, é produto de conhecimento. Não ter uma educação bancária seria o início da libertação educacional que por séculos amordaçava um povo sofrido e oprimido por uma elite preocupada em manter os seus privilégios, que com o poder em suas mãos transformava seu povo em seus escravos, seja no campo trabalhista, seja no campo intelectual.

Como já foi dito anteriormente, na pedagogia baseada nas ideias de Paulo Freire, com uma nova forma de mediação do conhecimento em mente, buscavam-se palavras geradoras, desencadeando um processo de problematização da realidade vivida por quem estava estudando.

Todo o progresso que havia sido desenvolvido para a reflexão a aprendizagem mediada a partir da realidade do sujeito regrediu com a nova forma de educação no governo militar. Segundo os estudos de Galvão e Soares (2010), nesse período o processo de alfabetização se resumiu a apenas aprender a “desenhar o nome”. Buscando qualquer um que fosse alfabetizado, sem levar em consideração a formação de professores qualificados para alfabetizar, o Mobral tinha a finalidade de estudar apenas a língua portuguesa, de modo a fazer com que seus estudantes aprendessem de forma tradicional a gramática que por vezes foi ensinada pela república.

Com algumas investigações e aberturas de inquérito para analisar e investigar recursos financeiros desse sistema de ensino se percebe o aumento do analfabetismo, que era camuflado pela política do país, mostrando números diferentes da realidade vivida no Brasil.

No ano de 1885, o Mobral foi extinto e criou-se a Fundação Educar. Esta instituição não se envolvia diretamente com a educação, mas supervisionava todos os recursos financeiros que eram dirigidos à educação. Em 1990, no governo de Fernando Collor, a Fundação Educar foi extinta. Por conseguinte, o Governo Federal se ausentou de qualquer política voltada à educação de Jovens e Adultos.

Com o Estado não tendo mais responsabilidades com a Educação dos Jovens e Adultos, passa para os municípios o dever de atender esse direito, fato que amplia a oferta para universidades, os movimentos sociais, e organizações não governamentais, que utilizaram os estudos de Emília Ferreiro para pensar os processos de alfabetização.

No ano de 1990 aconteceu o Movimento de Alfabetização – MOVA que trabalhava com o governo e os cidadãos para educar com o olhar de sujeito sociais e culturais tendo uma vinculação entre Estado e Sociedade da época.

Perpassando alguns documentos em circulação observa-se que houve uma conquista por parte da EJA em relação à Constituição Federal de 1988, que estende “o direito à educação” aos que ainda não havia frequentado ou concluído o ensino fundamental. Com o surgimento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBN, Lei nº 9394/96 houve ainda mais avanços para a Educação de Jovens e Adultos nos artigos 37 e 38. Contudo, a partir da Lei 13.632, de 6 de março de 2018, observa-se que o Art. 37 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de

Diretrizes e Bases da Educação Nacional), foi modificado para dispor sobre educação e aprendizagem ao longo da vida, conforme transcrevemos, a seguir:

Lei 9.394/1996

Art. 37: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”.

Art. 38: “Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular”.

Lei 13.632/2018 dá nova redação ao Art. 37 da seção que trata sobre a Educação de Jovens e Adultos:

“A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida”.

Observando o que determina a legislação, o percurso histórico da educação e mais especificamente da educação de Jovens e Adultos, compreendemos o quanto é difícil para esses sujeitos terem êxito na escola de educação básica e ingressarem na Universidade. No entanto, nem só de fracasso são feitas essas histórias. Este trabalho busca compreender a trajetória alcançada por cada um (a) dos alunos (as) participantes desta pesquisa, cuja entrevista revela na fala de cada sujeito à luta pelo direito à educação que também é posta, neste artigo, por alunos (as), egressos das modalidades de ensino da Educação: do I Segmento (Ciclos I e II), do II Segmento (Ciclos III e IV) e do Ensino Médio (Ciclos V e VI).

Busca-se, com isto, compreender as práticas de escolarização vividas, experimentadas para que possam ser conhecidas e referenciadas no campo educacional como exemplo de práticas exitosas em relação ao estudante, que enquanto egresso da EJA conquista seu espaço no contexto social acadêmico para dar continuidade aos seus estudos no Ensino Superior, conquistando sonhos que antes não pensavam e traçando metas de vida que desconheciam que seria possível conquistar.

A este respeito encontramos na Pedagogia da Indignação Freire (2000, p. 26-27) especificamente, - na segunda carta - que trata do direito e do dever de mudar o mundo, que: “A desproblematização do futuro não importa em nome de que, é uma ruptura com a natureza humana, social e historicamente constituindo-se”. Ou seja, a esperança destes alunos egressos da EJA está no que postula o pensamento

freireano: “O futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo”. Por este motivo, o nosso interesse e a relevância desse estudo que está em descrever, analisar, compreender uma das práticas educativas exitosas libertadoras para o aluno da EJA, mostrando a importância dessa modalidade para os sujeitos que não puderam ou não tiveram oportunidade de estudar no ensino regular, mas que transpassaram barreiras e conquistaram seu lugar de direito na sociedade atual.

3 METODOLOGIA

O estudo aqui proposto trata-se de uma pesquisa qualitativa de base exploratória. Procuramos levantar o significado de uma educação libertadora, emancipatória e cidadã, geralmente, com efeito de resistência, inclusão e de “indignação” através de uma escuta sensível concretizado através da aplicação de questionários a professores e alunos.

O estudo exploratório, conforme Gil (1999) envolve um estudo bibliográfico e coloca o pesquisador em contato direto com o fenômeno investigado, para uma visão mais elucidativa do fato explorado. Assim, nosso estudo se preocupou em buscar fontes que pudessem contribuir com a discussão do tema investigado, e explorar experiências que favorecessem o diálogo a que este estudo propõe. Em adição, Elltiz, Wrightsman e Cook (1987, apud Toledo e Shiaishi, 2009) lembram que o modelo de pesquisa exploratório se utiliza principalmente de técnicas de pesquisas qualitativas baseadas em observações e entrevistas. Isso se deve ao fato de que estas formas de pesquisar permitem explorar um problema de forma mais complexa.

A estratégia metodológica desenvolvida nesta pesquisa leva em consideração as características do fenômeno de estudo, bem como as necessidades de coletar informações em seus diversos ângulos. Ainda, esta pesquisa classifica-se como de campo, pois busca, na concepção de Rodrigues (2007, p. 63), “Investigar soluções para problemas concretos, situados em uma realidade empírica a partir da qual a pesquisa é centrada”.

Na busca de compreender o tema, iniciamos com uma pesquisa bibliográfica. Segundo Andrade (2010), a pesquisa bibliográfica tanto pode ser um trabalho independente como se constitui no passo inicial em outra pesquisa, que foi este o caso. Deste modo, tomei por norte alguns pesquisadores como: Freire (1981, 1992, 1993, 1996, 2000a, 2000b, 2005), Paiva (2016), Rummert (2019), Santos (2019), Silva (2012), dentre outros. Já a pesquisa de campo é assim denominada porque a coleta de dados é efetuada em campo, onde ocorrem espontaneamente os fenômenos, uma vez que não tem interferência do pesquisador sobre eles.

A pesquisa fundamentou-se na abordagem qualitativa que, segundo Richardson (2007), é uma tentativa de compreender as características situacionais e particulares de um determinado fenômeno de estudo. Nesse aspecto, esta abordagem diferencia-se do quantitativo por não priorizar instrumentos estatísticos

com base para o levantamento de informações e para interpretação de suas circunstâncias.

A abordagem qualitativa caracteriza-se pela compreensão profunda ou detalhada da natureza do fenômeno de estudo. Ao invés de tomar como medida as aparências ou as superficialidades das coisas preocupam-se em entender as camadas que cobrem a essência das coisas do mundo.

Para tanto, foi elaborado um questionário em que 5 pesquisados responderam sobre a modalidade da EJA. Responderam sobre como foi para eles essa experiência, como conseguiram ingressar no ensino superior e como puderam conquistar seus sonhos e objetivos através da Educação de jovens e adultos. Com o intuito de não expor os pesquisados, daremos as seguintes nomenclaturas para os envolvidos de: **P1, P2, P3, P4 e P5**.

4 A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO DOS PROFESSORES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Por diversos séculos a figura do professor era tomada por “aquele que detinha todo o conhecimento e sabedoria”. Na pedagogia tradicional o centro do processo é o professor e este detém o conhecimento. Muitos foram os alunos que sofreram com essa forma de se pensar as relações entre ensino e aprendizagem. Sair de uma sala de aula com mais dúvidas do que chegou era comum, isso pelo temor que a maioria dos estudantes tinha em perguntar ou questionar alguns dos seus professores, fazendo com que sua forma de aprendizagem fosse dolorosa e incompreendida.

De certo modo os estudantes de escolas públicas sempre foram direcionados a uma educação que servisse às classes dominantes do país. Isso se deu para que a mão de obra sempre existisse e que a população fosse controlada também através da educação. O fracasso escolar interessa a uma parcela da população. Afinal, quem vai fazer o trabalho pesado aceitando o mínimo como pagamento, trabalhando em péssimas condições?

Refletir sobre a escola e sobre a construção do conhecimento nos traz uma nova perspectiva. Especialmente quando nos pautamos no pensamento Freireano ao afirmar que: “é necessário que os sujeitos também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou na sua construção” (Freire, 1996, p. 22).

Com essas novas possibilidades de aprendizagem crescem ainda mais a importância desses formadores de opinião e reflexão diante da sociedade, compreender cada sujeito que adentra a porta da sala da EJA, envolver-se com seus “mundos particulares”, seus conhecimentos de vida, traz esperança e uma nova forma de construção de conhecimento que esses alunos têm direito. Para Silva (2012 p. 64/65):

Nesse sentido, o educador é um sujeito que se insere num processo educativo e interage com outros sujeitos, dedicando particular atenção às relações e aos contextos que vão se criando, de modo a contribuir para a explicitação e elaboração dos sentidos que os sujeitos em relação constroem e reconstróem. Assim, o currículo e a programação didática, mais que um caráter lógico, terá uma função ecológica, ou seja, sua tarefa não será meramente a de configurar um referencial teórico para o repasse hierárquico e progressivo de informações, mas prever e preparar recursos

capazes de ativar a elaboração e circulação de informações entre sujeitos, de modo que se auto-organizem em relação de reciprocidade entre si e com o próprio ambiente.

Essa forma de interação enriquece tanto o mediador do conhecimento quanto o receptor da mensagem. Torna-se uma via de mão dupla, não apenas um lado é detentor de todo o conhecimento, mas esse também aprende e aprimora sua forma de perceber esse conhecimento trabalhado. Saberes estes que, não torna nem um (professor) nem outro (aluno) mais ou menos sabedores, mas somadores e multiplicadores de conhecimentos, assim como FREIRE (1996, p. 23/24), em seu livro *Pedagogia da Autonomia* afirma:

Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém... Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foram assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender.

Dessa forma, agindo e refletindo sobre os novos caminhos para a evolução da aprendizagem, coloca não apenas o professor, mas toda a escola para compreender e respeitar os saberes dos seus alunos, principalmente seus alunos Jovens e Adultos, que chegam com saberes, construído socialmente. Percebemos que as crianças não chegam até a escola sem nenhum conhecimento, assim como antes se pensava e as faziam de “depósito bancário” sem permissão de compreensão do que se estava sendo “preenchido”. Agora, imaginemos pessoas que tiveram uma vida inteira em comunidade e que estão ali, cansados e oprimidos?

Compartilho também do (re) conhecimento de que os professores também sofrem com a opressão social na qual estão inseridos. Muitos têm em suas vidas, dois turnos trabalhando no ensino regular com crianças, em seguida partem para um terceiro turno. Muitas das vezes, em escolas diferentes, em municípios diferentes! Para conseguir financeiramente manter seus lares, suas famílias. Isso quando não são mulheres, que trabalham ainda um quarto turno ao chegar a suas casas, com afazeres domésticos e cuidando de seus filhos (as), quando os têm.

Uma outra questão que abordamos é a necessidade de o professor ter uma formação adequada e voltada para esta modalidade de ensino. De acordo com Silva 2012, p.64:

O papel do educador está cada vez mais complexo levando em consideração que esse professor necessita dar conta de um corpo teórico que muitas vezes nem sequer foi contemplado em sua formação. Na discussão sobre o papel do professor da Educação de Jovens e Adultos na sociedade contemporânea, é necessário problematizarmos o que estamos fazendo na escola, uma vez que, através de nossas metodologias de ensino e de rituais escolares consagrados há muitos anos, preparamo-nos para receber um aluno idealizado pelo arcabouço da Ciência Moderna; e, em contrapartida, recebemos, de fato, para estudar em nossas salas de aula, um sujeito social portador de cultura eminentemente oral, que lhe conferiu uma maneira de pensar consideravelmente diferenciada do modo cartesiano de pensamento e que, ainda assim, recebe a influência de vários sistemas de significação.

Compreendem-se todas as dificuldades do professor, mas devemos entender que este é o sujeito motivador para os alunos Jovens e adultos que buscam emergir de uma situação a qual são obrigados socialmente a viverem. Essa importância é tão grande que vemos nas respostas dos pesquisados a ênfase dessa ação quando perguntados: Qual a figura dos professores da EJA?

O professor da EJA é um professor que tenta entender a realidade dos seus alunos e ajudar no âmbito educativo, que tenta de todas as formas ajudar seus alunos a compreender o que está sendo aplicado em sala de aula. Eles buscam objetos do nosso cotidiano, como músicas, filmes e até ditos populares para aprimorar nossa aprendizagem, trazendo a atenção que nossas mentes e corpos estão precisando depois de um dia longo de trabalho, mas que muitas vezes não tem resultados devido ao contexto social que o aluno está inserido. O ensino da EJA, que por muitos infelizmente é visto como uma educação para burros e pessoas que não tem futuro e só está lá para ter o direito ao diploma, uma falta de respeito com as pessoas que estão querendo concluir seus estudos e tiveram que parar por causas pessoais que lhe impediram de continuar os estudos. A EJA não devia ser modalidade e sim ensino por que ensinam o novo para os jovens e adultos que ali estão todos os dias, um ensino que deveria ser visto com bons olhos, é visto por uma pequena ótica das políticas públicas e demais outros recursos a essa "modalidade", quando a formação de jovens e adultos devia ser um ponto alto da educação.

Na época que estudei nas salas da EJA, percebi que os professores tinham muita garra e força de vontade. Eles faziam de tudo para os alunos aprenderem, incentivavam e nos fazia acreditar nos nossos sonhos e para isso eles enfatizavam a educação em primeiro lugar, que através dela nós conseguiríamos alcançar os objetivos.

Como vemos, são os professores que por muitas vezes contribuem para que os sonhos de seus alunos possam se tornar realidade, mesmo que estes docentes

estejam cansados e fadigados em sua caminhada na educação. Sabemos que nunca foi de fato valorizada a educação nesse país e que para aqueles que estão ligados ao ensino público, muito pior. Sem salários justos, com carga horária exorbitante e que como já citamos para os que se dedicam ao ensino de Jovens e Adultos, a tarefa ainda consegue ter um pouco mais de espinhos. Todavia, estes guerreiros (professores) que lutam para que seus alunos consigam ganhar a batalha da camada social popular, imposta pela ganância de uma sociedade, e conquistar seus sonhos e objetivos.

Apresento o relato de um professor da Educação de Jovens e Adultos, que está descrito dentro da Proposta Curricular da EJA (segundo seguimento), elaborada para a cidade de João Pessoa no ano de 2009, p. 4-5 que cita uma carta endereçada para o contexto da EJA, e que nos mostra o agir para com estes sujeitos de direito, mas que são usurpados todos os dias por poderes egoístas da sociedade:

A educação de Jovens e Adultos é algo diferente das minhas experiências, mais correntes. Na verdade, lecionar a noite sempre me trouxe apreensão, a mim e a minha família, devido à violência crescente.

Em todo caso, essa modalidade de ensino nunca esteve em meus planos: sempre tive preferência pelo ensino regular, no qual já atuo, à tarde, em outra rede municipal.

Recentemente, fui nomeado pela prefeitura da capital, devido à aprovação no último concurso para provimentos de vagas no magistério. Considerando a minha classificação, pensei ser enviado a uma escola “melhor”, bem localizada e, de preferência, não muito “periférica”... Fui enviado à determinada escola, onde a direção me colocou para trabalhar na EJA, Gelei.

Não tinha grande experiência nessa área. Como tive que ir, posso dizer que “não fui eu que encontrei a EJA”, mas a “EJA me encontrou”, estou nesta escola há um mês. É difícil chegar a uma escola nova, como outras regras, outros códigos... Tenho que construir novas redes de relações e isso, às vezes, pode ser muito complexo. Contudo, algo está me admirando: devo confessar que tinha um grande receio dos alunos.

A imagem que formei deles, baseada em um “pré-conceito” bastante comum, era de pessoas desinteressadas, violentas e agressivas, o que poderia ser ainda mais “trágico” quando soube o bairro para o qual fui designado Oitizeiro... Mas, me consolei com a ideia de que nem sempre as escolas de periferia são mesmo as piores, com os “piores” alunos. Eu mesmo terminara o Ensino Fundamental em uma escola pública, noturna, no “Manguinhos”, periferia da cidade de Bayeux... Recordei tudo isso ao entrar em minha sala de EJA.

No primeiro dia de aula, fui direto a uma turma do ciclo III (que na EJA municipal, compreende o 6º e o 7º ano). O tema de aula: Iluminismo. Olhei os meus alunos nos olhos; alguns jovens, aparentando 18, 23 anos; outros mais maduros com o rosto vincado pelo tempo e pelas lutas, com o olhar sereno da resignação, mas também, com infinita esperança ainda.

A turma, pequena tinha poucos alunos; a maioria saíra logo após a distribuição das carteiras de estudante. Mas os que ficaram e que resistiram

as cópias infundas nos quadros negros da vida, esses, queriam mesmo estudar. Ainda possuíam aquela esperança, aquele fetiche do estudo, ainda sonhavam. Olhavam-me com esperança e eu, com medo, com receio e com a dúvida.

Era um impasse, felizmente, isso pouco durou: nesse olhar recíproco, no qual os olhos se buscavam, percebemos que, afinal de contas, éramos iguais: eu e eles. Os mesmos sonhos que tivera um dia, de terminar o Ensino Fundamental e ir trabalhar, eles tinham agora. Pertencíamos à mesma “classe”.

Hoje mais tranquilo, devo dizer que para militar na EJA é necessário ver no outro, no aluno, potencialidades, sonhos, desejos... É ter empatia e a consciência, a certeza, de contribuir para algo importante: a construção desses anseios.

É difícil dar aulas sem material didático, a alunos que muitas vezes, estão desestimulados e que não dominam ainda, a leitura ou a escrita; que não compreendem o texto... Mas é gratificante perceber o desenvolvimento desses alunos, no cotidiano, noite após noite, acompanhar o gradativo desenvolvimento deles.

Se ficar no próximo ano na EJA ou se voltar para o ensino regular, aprendi que não há nada maior que a força humana de se ter esperança, de se buscar um sonho e ir atrás. (**Meu Encontro com a EJA**; Paulo Eduardo da Silva Costa. Prof. De História da E.M. Castro Alves)

Ao vermos o depoimento deste professor, entendemos fatores fortes e marcantes do preconceito na sociedade brasileira. Em se tratando da modalidade da EJA, o mesmo professor que veio de uma turma de Jovens e Adultos, a princípio, estava apreensivo para assumir esses alunos. Foi preciso ter contato com os mesmos para que a empatia e a lembrança estampada nos rostos sofridos pelo cansaço do trabalho, dos sonhos, desejos, que assim como um dia o professor Paulo teve, via agora em seus alunos, força de vontade para mudar suas duras realidades. Como o professor afirma sobre “a força humana para ter esperança de buscar um sonho e ir atrás”, é preciso que nós como agentes ativos da educação, que possamos acreditar e lutar por esses sujeitos e por melhores condições na educação.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estando com o objeto de pesquisa definido, buscamos no contexto acadêmico sujeitos que, em meio à sociedade acadêmica que vieram da educação de Jovens e adultos para participarem através de relatos de vivência, como também respondendo a um questionário de coleta de dados. Por este caminho, buscamos compreender a trajetória de vida desses pesquisados até chegarem ao ensino superior e como este patamar trouxe-lhes melhorias e conquistas para suas vidas. Neste percurso metodológico, realizando questionário e escutas, obtivemos os dados apresentados neste trabalho, ressaltando a importância da modalidade da EJA e como os sujeitos que passam por ela podem conquistar seus sonhos e objetivos.

5.1 O caminhar árduo dos estudantes da EJA

Falar sobre a caminhada dos alunos (as) da Educação de jovens e Adultos não é uma tarefa fácil, tendo em vista uma contradição histórica a qual vivemos. Apesar de nos constituirmos de uma mistura de tantas raças, culturas e ideologias, nosso povo, brasileiro se enche de preconceitos absurdos que demandam de uma determinada sociedade. Sobre essa questão, Silva (2012) afirma que:

Tal percurso se justifica pelo fato de ver a investigação dos processos de formação dos povos como um fascinante e desafiador exercício de autoconhecimento, capaz de nos conduzir à análise das mais diversas manifestações culturais por nós produzidas. Investigar os processos de construção de identidades só é possível se tentarmos entender a história da formação da nossa sociedade. A opção por traçar esse percurso talvez seja uma tentativa de compreender parte daquilo que sou, pois vislumbrar o sentido de nossa coletividade, na multiplicidade de seus aspectos formativos, contribui para a concepção de uma determinada noção de identidade social, na qual podemos, conscientemente ou não, nos refletir.

Com essa perspectiva, quero trazer a reflexão desta pesquisa na relevância desse ensino para os alunos que, por maiorias dos entrevistados, precisaram abrir mão dos seus objetivos de estudo, ou para trabalhar, ou porque no caso específico deu uma pesquisada, seu pai a retirou da escola, por ela amar poesia e por que para ele, isso era uma distração e não uma instrução.

Nesse contexto histórico, cultural e social, vemos o quanto esses alunos (as) que, em muitos documentos oficiais, são citados como sujeitos de direito, ao mesmo tempo lhes é negada a condição de ensino. Necessitando auxiliar na sobrevivência econômica da família e que em grande parte não conseguem voltar às salas de aula, não porque não queiram, mas por ter uma vida de trabalho cansativa. Muitos deles trabalhando 24 horas por dia, pessoas que trabalham na vigilância ou policiais civis e militares, ou 12, 14 horas no comércio, indústria.

Buscando realizar o desejo de uma formação superior, seja ela por realização pessoal ou para conseguir uma condição melhor de vida esses sujeitos superam todas as expectativas e conquistam espaços que muitas vezes não seriam conquistados se não fosse a sua insistência pessoal aliada a um trabalho.

Por conseguinte, apresentaremos cinco histórias dentre os participantes deste estudo, que mostra o quanto essas pessoas batalharam para chegar onde estão e como estes sujeitos podem influenciar na formação de outras pessoas próximas a elas, sejam filhos, amigos, parentes.

5.2 Os sujeitos da pesquisa

Nossa pesquisa buscou ouvir profissionais advindos da modalidade EJA, estes pesquisados têm entre 26 e 41 anos e desenvolvem seus trabalhos nos municípios de Campina Grande como é o caso do servidor público, militar, trabalhando na 3ª batalhão da polícia militar, formado em licenciatura em educação física pela UNOPAR, trabalhando em escolas particulares de Campina Grande. Outra pesquisada da mesma cidade é servidora pública e trabalha como assistente administrativa em um órgão municipal e é licenciada em geografia pela UEPB, estudando para concurso público na área. O entrevistado do município de Guarabira é comerciante, formado em Administração pela Nassau, trabalhando em seu próprio negócio. Em Poço das Antas, temos um licenciado em Matemática pela UEPB, trabalhando como gestor e professor pela rede estadual de ensino. Em João Pessoa temos uma formada em Letras/português por uma faculdade particular de João Pessoa e psicopedagogia clínica e institucional pela UEPB, campus de João Pessoa. Atualmente trabalha na mesma escola que terminou seus estudos na modalidade da EJA, em uma sala de Atendimento Educacional Especializado - AEE e tem um canal na internet, mostrando como pode ser criada e executada atividades para AEE.

Trata-se de uma pesquisa desenvolvida para proporcionar uma visão geral e de forma aprofundada acerca do assunto abordado, no qual se fez estudo, tanto em Documentos Oficiais, já em circulação no âmbito da Educação de Jovens e Adultos, quanto nos estudos teóricos de autores como Paulo Freire, Leôncio Soares, Magda Soares, Miguel Arroyo entre outros, para fundamentar o trabalho.

5.3 Ouvir, Refletir, Esperançar: alunos que ultrapassaram barreiras.

Analisando as respostas dos sujeitos desta pesquisa, deparamo-nos com uma realidade cruel e vemos o quanto nosso país precisa lutar por seus cidadãos e o quanto nós, formadores de opinião, auxiliares da criticidade precisamos compreender e fazer nossa parte para que mais pessoas possam ter acesso ao ensino superior e conquistar seu espaço de direito na sociedade que vivemos.

A pesquisa foi realizada com cinco participantes com idade entre 26 e 41 anos. Estes sujeitos residem nas cidades de Campina Grande, Pocinhos, Guarabira e João Pessoa. Todas as entrevistas foram realizadas através de ligações de vídeo conferência por aplicativo, tendo em vista que no período da coleta de material (entre 12 de março a 22 de junho de 2020) foi o começo da pandemia mundial do Covid 19.

A seguir encontraremos uma tabela com as perguntas direcionadas aos entrevistados e suas respectivas respostas. Ainda, nessa tabela, tecemos alguns comentários sobre essas respostas:

Quadro da entrevista e seus dados

Perguntas	Respostas
1. Qual o motivo de não ter concluído os estudos no ensino regular?	P1 O motivo foi que eu tinha sido reprovado por duas vezes, então decidi fazer a Educação de Jovens e Adultos, pois já tinha mais de dezoito anos e queria terminar logo os estudos para trabalhar.
	P2 Quando eu me casei, a vida ficou mais difícil para continuar com os meus estudos. Compromisso com a casa, marido, filhos, além de estar acima da faixa etária para seguir no ensino regular.
	P3 Eu tinha deixado os estudos entre 12, 13 anos, quando em um determinado dia, o meu pai descobriu embaixo do meu colchão, que eu

	<p>escrevia poesia, me tirou da escola e aí eu fui trabalhar em casa de família.</p>
	<p>P4 Tive que trabalhar logo cedo, pois não tive condições de estudar e trabalhar. Com a EJA eu concluiria o ensino médio de forma mais rápida, e com isso entraria de forma direta no mercado de trabalho.</p>
	<p>P5 Ensino médio completo eu fiz com a Educação de jovens e Adultos. Meu pai faleceu e eu precisei tomar conta da minha mãe. Então fui trabalhar e só depois que tudo equilibrou eu voltei a estudar.</p>
<p>Comentário: Como vemos, com exceção de um entrevistado, todos os envolvidos na pesquisa deixaram de estudar para entrar no mercado de trabalho. No livro Pedagogia da Esperança de Freire (1992), nas páginas 11-13, vemos em suas pesquisas os mesmos padrões citados pelos sujeitos da pesquisa. Deixaram seus estudos para auxiliar pais, tios, familiares ao sustento do lar. Aliar trabalho e estudo tem sido muito difícil para esses sujeitos e essa tem sido uma das principais causas da evasão escolar. Nas camadas populares os jovens trabalham cada vez mais cedo. A necessidade de ajudar a família no sustento de suas necessidades básicas, o casamento ainda na adolescência, a necessidade de assumir responsabilidades desde cedo afastam esses jovens e adultos da escola. Envolvidos com o mercado de trabalho esses sujeitos fazem parte da triste estatística do fracasso escolar.</p>	
<p>2. Qual a importância da modalidade da Educação de Jovens e Adultos para você?</p>	<p>P1 Consegui terminar os estudos em menos tempo. Assim poderia conseguir trabalho de forma mais rápida.</p>
	<p>P2 De muita importância, pois ao oferecer horários flexíveis, me permitiu o acesso a educação (mesmo com os assuntos resumidos) aos estudantes que trabalham.</p>
	<p>P3 Hoje, não tem como não voltar ao passado e ver que, para eu chegar até onde cheguei, eu passei pela EJA. Então essa modalidade de educação de Jovens e Adultos, ela veio abrir portas para os meus sonhos, ela veio me dá possibilidades, foi “O degrau”, o primeiro degrau que me ajudou a galgar os futuros degraus que viriam para a realização do meu sucesso. Não apenas o meu, mas também dos meus filhos.</p>
	<p>P4 Foi de total importância, vez que permitiu que eu concluísse o nível médio, sem abrir mão do meu sustento. Se não fosse a EJA acho que até hoje estaria sem concluir meus estudos.</p>
	<p>P5 Ajudar as pessoas que não têm tempo de estudarem durante o dia devido a trabalho ou outras questões pessoais. E incentivar as pessoas a voltarem a estudar (as que não concluíram o ensino básico).</p>
<p>Comentário: Ao observar as respostas dos pesquisados temos certeza da importância da modalidade da EJA para as pessoas que não conseguiram ter o direito assegurado para estudar no ensino regular, seja pelo trabalho, por ter que assumir as</p>	

responsabilidades de um casamento de forma precoce, ou por no momento não colocar os estudos como prioridade.	
3. Como teve acesso ao ensino superior?	P1 Através do Enem e fiz uma redação para entrar na faculdade particular.
	P2 Como a maioria dos estudantes da EJA não fui apenas para conseguir o certificado de conclusão do ensino médio. Dediquei-me a estudar os assuntos discutidos em sala de aula, como também estudei outros conteúdos, assim consegui a aprovação no ENEM.
	P3 Comecei a estudar na Escola Francisco Joaquim de Brito, ali naquela escola encontrei professores que me incentivaram muito, havia uma professora chamada Luiza, que trabalhava como um suporte motivacional, ela falava assim: o que você tá fazendo aqui? Apenas irá pegar um diploma? Vai embora correndo atrás do seu sonho você tem potencial. E quando eu concluo o fundamental e fui fazer magistério, unindo o médio da EJA à noite e o magistério durante o dia. Eu comecei a fazer esse curso lá na escola Maria do Carmo em Jaguaribe e eu me lembro de que quando eu estava já no segundo ano do curso, eu fui convidada para trabalhar com educação infantil em uma escola, eu me apaixonei. Comecei a ensinar, peguei gosto, aí fiz um curso superior em Letras, em uma faculdade particular e dois anos depois desse curso eu passei para Universidade Estadual da Paraíba, para o curso de Psicopedagogia clínica e institucional. Quando eu cheguei nesse curso, eu me encontrei, me apaixonei, porque eu iria estudar sobre patologia e eu passei a minha vida inteira cuidando da minha mãe com esquizofrenia, então eu sempre cuidei dela desde a infância até o ano passado (2019), que no caso minha mãe faleceu, sempre fazendo algo, ou trabalhando e/ou estudando de mesma forma, cuidado de minha mãe, eu nunca a deixei para segundo plano.
	P4 Como eu não tinha condições de pagar uma faculdade particular, e a carga de conteúdo que adquiri não estava sendo suficiente para que eu passasse em uma faculdade pública, fazendo uso da EJA em todo o meu ensino médio, nessa modalidade é dado conteúdo de forma mais acelerada, a dificuldade de conhecimento é ainda maior, reprovei por 4 vezes o vestibular para poder entrar.
	P5 Através do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio.
Comentário: Em se tratando da forma de Egresso no ensino superior, a maioria conseguiu entrar na faculdade pelo exame Nacional do Ensino Médio – ENEM. Porém, assim como os assuntos são resumidos e com pouco tempo para aprofundar os conhecimentos por necessitar trabalhar, estes alunos tiveram dificuldades para passar no ENEM. Observamos a necessidade de um melhor acompanhamento para estes alunos como cursos extensivos para auxiliar na entrada ao Ensino Superior. Apesar das instituições terem alguns cursos, a exemplo da UEPB, não conseguem ainda atingir uma demanda significativa para esses alunos da EJA, que precisam de um horário e dia da semana específico para conciliar trabalho com estudos. Também destacamos a	

importância citada por uma pesquisada em se tratando dos seus professores, incentivando-a a buscar seus sonhos, dando o impulso necessário para que esta fizesse uma faculdade e em seguida outro curso superior. Encontrando-se no curso escolhido e ajudando inclusive sua mãe em seu tratamento.

4. Qual ou (quais) dificuldade(s) enfrentou para finalizar a Educação de Jovens e Adultos e entrar em um curso de nível Superior?	P1 Nenhuma.
	P2 Para concluir a EJA não houve dificuldades, em relação aos conteúdos. Para responder a prova do ENEM tive dificuldades, pois muitos assuntos apresentados na prova não foram vistos durante o ensino médio na EJA. Do mesmo modo, ao ingressar no nível superior, fiquei desanimada, pensei até em desistir, pois não me achava capacitada para acompanhar a turma, ao ver muitos conteúdos os quais os outros alunos tinham algum conhecimento e eu nunca tinha ouvido sobre os assuntos. Não foi fácil acompanhar a turma.
	P3 Eu tive três filhos, a vida onde morávamos sempre com grandes dificuldades, muito difícil, e a gente nunca conseguiu mantimentos aqui na Paraíba, então a gente ia para São Paulo a trabalho, chegando lá eu ia trabalhar em casas como diarista e nessas casas encontrava professoras que muito me estimularam me motivaram e incentivaram para que eu voltar para escola e quando eu entrava no quarto delas, eu me emocionava, porque eu tinha a chance de pegar em livros sabe, de voltar a sonhar só que eu achava algo muito distante da minha realidade achava que nunca eu ia voltar para escola, até que os meus filhos ficaram adolescentes, começam a me incentivar e aí, voltando novamente à Paraíba, eu voltei para escola, como falei aos 34 anos, na mesma escola que meus filhos estudavam.
	P4 A dificuldade que enfrentei foi ter que aprender sozinho muitos conteúdos em que não foram vistos na EJA, pois, o tempo era pouco, e teria que concluir todo o ensino médio em um ano e meio.
	P5 Financeiro. Pois meu pai que supria todas as necessidades de casa, então antes dele falecer eu estudava em escola particular. Tive uma boa base, mas depois tive que parar como citei antes, e pegava qualquer bico pra sustentar a mim e minha mãe.

Comentário: Com exceção do primeiro pesquisado, para todos os demais participantes a falta de um incentivo de estudo, sejam em locais nas cidades e/ou pessoas para ajudar nesses estudos, dificultou um pouco mais a jornada desses homens e mulheres a realizar o objetivo de ter o ensino superior. Não podemos elencar essas dificuldades aos professores da modalidade, como na pesquisa de SILVA (2012), são professores que ainda não tem uma formação específica para estes sujeitos, de modo a dificultar a forma para com estes consigam ter maior êxito no ensino/aprendizagem, pois estes como discutimos, no corpo deste texto, trabalham lamentavelmente horas exorbitantes que ultrapassam as horas previstas na legislação trabalhista. Não possuem condições psicológicas, nem humanas para melhorar a forma da mediação dos conhecimentos

necessários para o ENEM. Sendo assim, estes alunos por vezes precisaram de maior tempo para adentrar nas universidades escolhidas, outros vendo essa possibilidade apenas pelo ensino privado oferecido pelas universidades particulares.

5. Conte-me um pouco sobre sua trajetória nos estudos e sobre sua superação para terminar a Educação de Jovens e Adultos e ingressar no ensino superior. Caso tenha terminado o ensino superior, conte com o que trabalha.

P1 Com relação à EJA, para não perder tempo e tendo em vista que eu fui reprovado em duas matérias, fiz o segundo e o terceiro ano juntos, maximizando meu tempo. Coloquei como objetivo, já que tinha passado nas outras matérias e com boas notas, por já ter mais de 18 anos, resolverem fazer a EJA.

Terminando os estudos, tive a oportunidade de jogar em um time de futebol, sendo este meu sonho. Joguei profissionalmente pelo Grêmio Serrano. Todavia, fui para São Paulo, mas não consegui progredir, desistindo da carreira.

Então comecei a trabalhar em uma fábrica, após cinco anos de trabalho como operador houve uma oportunidade de um concurso interno, na parte de mecânica, onde era necessário ter algum certificado de mecânica básica. Fui para o SENAI fazer o curso de ajustador mecânico, e de 30 inscritos para ser realizada uma prova seletiva, juntamente com dinâmica em grupo e entrevista, fiquei em terceira colocação das 5 vagas disponíveis.

Assumi o cargo, de auxiliar mecânico, logo em seguida, apareceu à oportunidade do concurso da polícia militar, assim, almejando algo melhor entrei em um cursinho preparatório para realizar esse concurso. Conseguindo esse novo objetivo, após sete anos efetivos na Polícia militar da Paraíba, eu resolvi dar continuidade nos estudos, fazendo um curso superior na área de educação física, pois sempre gostei de atividade física. Pretendo conciliar as duas funções.

Portanto, estou no sexto período, e espero concluir com bom aproveitamento e quem sabe futuramente fazer um mestrado e um doutorado na área.

A maioria de minha turma trabalhava e estudava e tinha objetivos de entrar na universidade. A EJA é importante para conseguir vencer na vida, pois muitos dessas pessoas fazem essa modalidade de estudo, pois não tem outra opção. Assim é uma porta para ingressar no ensino superior.

A EJA serve de incentivo para terminar os estudos.

P2 Estudei até a oitava série (o nono ano) no ensino regular, durante esse tempo dei uma pausa nos estudos de 7 anos. Ao voltar, concluí o ensino médio na EJA. Trabalhava e tinha 2 filhos pequenos. O ensino superior foi concluído com muitas dificuldades, pois não tinha boa base educacional, além de enfrentar o fim de um casamento de 20 anos, ter 2 trabalhos e 2 filhos para manter. Mesmo assim, com todas as dificuldades concluí o curso de Licenciatura em Geografia pela (UEPB). Trabalho há 10 anos como assistente administrativo na EM um setor público municipal.

P3 Quando antes de concluir o curso em letras, no caso em 2008, eu comecei a trabalhar na escola que eu fui aluna no Joaquim de Brito, e estou nessa escola até hoje.

Atualmente, trabalho na sala de recursos, sou professora, mas uma professora de multifunções, porque na verdade eu faço o papel de uma psicopedagoga. É uma pedagoga com olhar clínico, mas atuando na Instituição como psicopedagoga institucional. Então assim, eu tenho desenvolvido projetos, trabalho com crianças especiais, é uma área que

	<p>eu amo porque eu me realizo e sou muito grata, eu acho que tudo que eu passei na minha vida hoje, eu me alegro em voltar ao passado e em fazer uma retomada e contar.</p> <p>Pois, inúmeros amigos, parentes, voltaram os seus estudos vendo o meu exemplo porque eu nunca deixei de falar da minha história, eu nunca deixei de citar tudo que eu passei, servindo de exemplo que viesse incentivar as pessoas a nunca desistir dos seus sonhos.</p> <p>Apesar das inúmeras dificuldades, mas eu consegui também formar meus filhos todos a partir do ensino público, da educação pública, hoje eu tenho um filho médico e capitão é oficial bombeiro e é médico formado pela Universidade Federal, tem uma filha professora, tem outra filha formada em contabilidade e tem um quarto filho, o meu filho adotivo, filho que eu adotei também quando eu estava começando, quando eu voltei para escola, então eu me sinto realizada hoje, sei, eu amo contar minha história, amo voltar ao passado, não trago traumas pessoais e sendo a 8ª filha de oito filhos eu fui a primeira que, enfrentou trancos e barrancos e quando meu pai me tirou da escola ele encontrou embaixo do meu colchão inúmeras poesias, hoje eu tenho quatro livros para serem publicados aguardando somente uma oportunidade.</p> <p>P4 Durante todo o nível médio eu tive que trabalhar, e para não ficar apenas com o ensino fundamental, tive que fazer a EJA, foram muitas dificuldades, falta de conhecimento, quanto o conteúdo ser totalmente reduzido.</p> <p>De família de agricultores, trabalhar no roçado pra fazer o rendimento financeiro com meu pai não era fácil, pois eu nunca gostei da inchada e plantar demanda tempo, força de vontade e muita saúde na coluna, braços e pernas. Isso quando tínhamos êxito, porque quando a seca castigava perdíamos tudo.</p> <p>Eu sempre gostei de matemática, mas tinha muitas dificuldades em português (ainda tenho), então, tive que arranjar tempo para assistir aulas na internet para ter domínio de algumas matérias. Com essa dificuldade eu fui reprovado por quatro vezes no vestibular. Mas o problema também era ter que conciliar estudo e trabalho, pois puxa muito do aluno.</p> <p>Meus pais queriam que eu desistisse da faculdade por ter tantas vezes tentado e não conseguido. Mas fui em frente e no quinto vestibular consegui, eu não estava acreditando e lá nos meus parentes fui motivo de orgulho.</p> <p>Finalmente, depois de alguns anos de lutas, eu consegui em 2018 terminar o curso de matemática pela UEPB. Fazendo concurso na cidade que moro conseguir ser gestor da escola onde também, dou aulas. Quando vejo alunos com dificuldades as quais passei, tento mostrar meu exemplo e nunca desistir. Dou aulas na EJA, por amor, pois hoje eu monto junto com meus colegas, não apenas os conteúdos que o MEC deseja, mas aqueles que os alunos interessados em passar no ENEM possam fazer e ter êxito. Também aulas aos sábados todo o ano só que quinzenal, assim os alunos tiram dúvidas de todo o ensino médio onde podemos melhorar em algo que eu não tive muita ajuda.</p> <p>P5 Sempre gostei de estudar e foi difícil no começo, não poder terminar os estudos e entrar em uma faculdade. Eu sempre gostei de administração, via filmes de homens bem sucedidos que começaram do zero e isso me incentivava ainda mais, ser dono do meu próprio negócio. A morte do meu pai me trouxe muita dor, ele era tudo para mim, junto com minha mãe. Então poder terminar o ensino superior foi algo incrível que puder realizar. Mesmo demorando pra fazê-lo. Com o curso de Administração que fiz em uma faculdade particular, eu consegui me organizar e hoje, consigo viver bem financeiramente com minha mãe e minha noiva. Porém se não fosse à modalidade da EJA, eu não poderia realizar esse sonho.. Lidar com os problemas pessoais, trabalho e etc. é</p>
--	---

	muito difícil, mas não podemos desistir, pois tudo que alcançamos com dificuldade edifica.
<p>Comentário: O maior incentivador para esta pesquisa está no caminhar dessas pessoas que, com mais ou menos dificuldades, são desbravadoras de suas próprias histórias. Uns que precisavam estudar e trabalhar, tendo que sustentar sua família após a morte de um ente, seja por ter que parar de estudar existindo em sua família um modelo de patriarcado machista, que não aceitava a liberdade de escrita textual como no caso dos poemas, ou por ter e querer uma vida menos sofrida e dolorosa, embaixo de um sol escaldante para ajudar no sustento da família, ou por ter casado, e os filhos, a casa e o cuidar do marido foi sendo prioridade em sua vida, ou por não compreender a importância dos estudos no ensino regular e ver uma segunda chance na EJA e conseguir realizar seus objetivos. Porém, o que não pode deixar de ser refletido, nesses sujeitos é que, mesmo tendo a oportunidade de retornar aos estudos e conseguir se formarem em uma universidade, estes são pequenas exceções que lutaram e muito para mudar suas trajetórias de vida.</p>	

Percebemos, com as respostas dos entrevistados, que a maioria deixou os estudos para trabalhar e cuidar da família, no caso das mulheres, e que todos eles, acima da faixa etária do ensino regular, precisaram da modalidade da EJA para acelerar o processo de escolarização e poderem prestar vestibular. Percebe-se também, de forma unânime, que todos os entrevistados, sejam de universidade pública ou particular precisaram prestar o ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio, para o ingresso no ensino Superior.

Precisamos salientar que mesmo nas escolas públicas no ensino regular, poucas delas preparam seus alunos para o ENEM. Por exemplo, na minha época, quando estava finalizando em 2004 o Ensino Médio, a turma pediu a dois professores que passassem atividades condizentes e que nos preparassem para o vestibular (na época não havia sido implantado o ENEM.) Porém, os dois educadores disseram que preparavam seus alunos para a vida e não para vestibular, pois esses alunos não teriam nem tempo e nem capacidade de estar em um curso de ensino superior. Lembro que na época essa fala foi motivo de grande tristeza. Porém, muitos da sala de aula hoje são professores, enfermeiros formados, médicos, dentre outras profissões.

O professor da EJA é um profissional que tenta entender a realidade dos seus alunos e ajudar no âmbito educativo, mas muitas vezes estes não tem resultados devido ao contexto social que o aluno está inserido, por tantas dificuldades diárias para chegar à sala de aula, e que mesmo assim, a maioria dos professores tentava de certa forma nos envolver com os conteúdos, trazendo maneiras diferentes para ensinar. Através de histórias populares, músicas que conhecíamos e até filmes engraçados para diminuir o cansaço do trabalho diário. O ensino da EJA que por muitos é visto como uma educação para burros e pessoas que não tem futuro e só estão lá para ter o direito ao diploma, uma falta de respeito com as pessoas que estão querendo concluir seus estudos e tiveram que parar por causas de assuntos pessoais, que lhe impediram de continuar os estudos, a EJA não devia ser modalidade e sim ensino por que ensinam o novo para os jovens e adultos que ali estão todos os dias. Um ensino que deveria ser visto com bons olhos, é visto por uma pequena ótica das políticas públicas e demais outros recursos a essa “modalidade”, quando a formação de jovens e adultos devia ser um ponto alto da educação. (P4, participante da pesquisa)

Por isso é necessário pensar e discutir sobre a importância desses professores da modalidade da Educação de Jovens e Adultos, que, como já citado neste trabalho, são sobrecarregados por terem mais de dois turnos de trabalho nas escolas que fazem parte. Vejamos o depoimento da P3 sobre um dos seus docentes:

Comecei a estudar na Escola Francisco Joaquim de Brito, ali naquela escola encontrei professores que me incentivaram muito, havia uma professora chamada Luiza, que trabalhava como um suporte motivacional. Ela falava assim: o que você tá fazendo aqui? Apenas irá pegar um diploma? Vai embora correndo atrás do seu sonho, você tem potencial.

Do mesmo modo, o P4 que pensando no apoio que não teve, se tornou apoiador dos seus alunos e junto com os outros professores da escola estruturou um cursinho extensivo, quinzenal, para ajudar os futuros estudantes do ensino superior, tanto dando exemplo de conhecimento como de superação. Como vemos, é comum entre os pesquisados (as), o processo de luta para trabalhar, ajudando na família e deixando os estudos de lado, mas também em concordância a garra e força de vontade que todos estes (as) tiveram para prosseguir na modalidade da EJA, realizar seus sonhos e objetivos e continuar influenciando positivamente a vida de familiares e amigos no processo de quebrar barreiras sociais.

Como bem disse o P5, não é de nenhuma forma fácil traçar esse caminho. É árduo, cansativo, estressante, desmotivador, pois além de tudo se está lutando “contra a maré”. Contudo, para aqueles que são batalhadores e guerreiros (não que

os demais não sejam), o sacrifício, vale a pena. Ter suas conquistas os faz querer mais.

Uma questão relevante que precisa ser abordada ao analisar essas falas é que o poder público não pode se eximir dessas lutas. Investir em educação pública de qualidade é uma obrigação e dever social. Temos uma dívida social enorme com esses sujeitos. Educação é um direito público inalienável.

O que foi de fato muito importante tem dois significados nesta pesquisa, em primeiro lugar, é que na maioria dos entrevistados além de contribuir com a sociedade da melhor forma possível, eles reconhecem a grande importância da Educação de Jovens e Adultos que mesmo com todos os problemas que a modalidade enfrenta é a única porta para conseguirem ter acesso à Universidade. Em segundo lugar é que mesmo em meio a tantas dificuldades e preconceitos, nunca se permitiram desistir, sempre esperando, no termo freireano de pensar. Mesmo quando os familiares pediram para desistir, ou tentar entrar na faculdade quatro vezes e na quinta vez conseguir. Enfim, como lembra Freire (2000a, p.27) - “O futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo”. E esses sujeitos fizeram o seu futuro na luta de cada dia. Os relatos mostram uma luta individual, mas que podem ser exemplos para que possamos cobrar do poder público, mais investimento na educação pública e, conseqüentemente, na EJA.

Pois, inúmeros amigos, parentes, voltaram os seus estudos vendo o meu exemplo porque eu nunca deixei de falar da minha história. Eu nunca deixei de citar tudo que eu passei, servindo de exemplo que viesse incentivar as pessoas a nunca desistir dos seus sonhos. Vendo que consegui me formar não apenas em uma faculdade, mas em duas e trabalhar onde eu sempre quis, tornou uma fonte de inspiração para esses meus parentes e amigos e, hoje vendo que muitos voltaram a estudar, me traz uma imensa alegria. Não é fácil o caminho, mas vamos enfrentando as barreiras e conquistando os objetivos desejados.

O pensamento de Freire (1981) ao afirmar que “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo” nos faz refletir sobre a importância da educação para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ser impulsionador de mudanças, sendo elas no âmbito educacional, torna uma corrente positiva para a sociedade, permito-nos esse ponto do trabalho relatar sobre a importância de exemplos e incentivos para esta transformação. Assim aconteceu comigo, após oito anos distante dos estudos, por motivos de casamento e

filhas, emprego de doze horas diários, me afastei do ensino superior. Todavia, com muitos incentivos e ajuda, voltei a estudar, passei com nota de aprovação para o Curso de Letras/Português, porém fiz a segunda opção, Pedagogia. Apesar de ter cursado o ensino regular, por vir da classe baixa da sociedade, não ajudou a continuar estudando, pois mesmo com universidade pública, existe a necessidade de material didático, transporte, alimentação que não foi possível no ano que conclui o ensino médio (2004). No meu caso, mesmo fazendo na época o vestibular e passando para o curso de Letras/Português pela Universidade Estadual da Paraíba, não havia condições financeiras para estudar. Com incentivos e exemplos de superação, hoje, sou a primeira e única (até o momento) entre os irmãos que está finalizando uma graduação.

6. CONCLUSÃO

Retornando ao objetivo deste trabalho, após análise dos dados pesquisados foi possível identificar que o fato de os alunos da EJA voltar a estudar e permanecer em sala de aula representou “viver novamente”, conquistar seus objetivos, percebendo tamanha importância do estudo em suas vidas. Os dados nos revelam o quanto a Educação dos Jovens e Adultos é crucial para o desenvolvimento humano e que se faz necessário assumir o que Paulo Freire nos diz, quando nos fala que - “a educação muda às pessoas e as pessoas mudam o mundo” -. Isto faz com que o aluno egresso da EJA venha a se empenhar em contribuir com este conhecimento construído na prática de sala de aula.

Não podemos deixar de reconhecer a luta e batalha desses alunos na vida e na escola. Esse entendimento é importante para a compreensão da sociedade que vivemos. É um alerta para a opressão que, disfarçada de trabalho, subjuga o povo brasileiro desde sua colonização. Sempre fez parte da educação brasileira – falo da educação pública – uma contradição em seus documentos a exemplo a LDB (1996), quando cita: “educação de qualidade”, ou melhor, em seu artigo III, IX – “padrões mínimos de qualidade de ensino, definidos como a variedade e quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem”.

Porém, essa educação não está sendo de direito desses cidadãos que não tem acesso aos bens mínimos para viver com dignidade. A maioria do salário recebido não dá para sustentar suas famílias, precisando sacrificar os estudos de suas crianças para não morrerem de fome. Algumas destas, como os pesquisados, após muitos anos, voltam a estudar. Mas, a que preço? Precisando ter suas subjugadas a trabalhar 12, 16 horas ou ter dois empregos e no final da noite ir de encontro a uma sala que também está com professores exaustos, cansados, oprimidos, desvalorizados, sem perspectiva e que, como já citado, com as mesmas dificuldades de seus alunos.

Sem material, sem tempo de planejamento, sem conhecimento de “mundo”; na verdade uma leitura de mundo, como afirma Paulo Freire (1988), “o mundo” desses sujeitos que por muito tempo deixaram de estudar e que agora estão

voltando as suas salas de aula, amedrontados, ou angustiados em não saber o que os professores vão pedir, sem saber ao certo, decodificar, codificar, interpretar, assim como vimos na carta do professor retirada da proposta curricular informada e transcrita neste trabalho.

É necessário que façamos uma reflexão sobre nossa humanidade, e por parte da sociedade é preciso que haja empatia, doação, seja ela política, econômica, cultural. Pela falta de empatia ou até mesmo de formação, alguns docentes, infelizmente, não compreendem seus alunos, querem cobrar por igual comparando com aqueles tiveram a oportunidade de estudar em uma escola privada. Infelizmente, o que vemos na prática são alunos desvalorizados (os Estudantes da EJA) que ao contrário deveriam ter especial atenção se tratando de alunos que estudam e trabalham ao mesmo tempo, especialmente as mulheres que estudam, trabalham, cuidam da casa, dos filhos, dos parentes.

Concluimos questionando aspectos que foram discutidos neste trabalho. Um primeiro aspecto nos faz refletir sobre as políticas públicas da modalidade da Educação de Jovens e Adultos, mesmo com um pequeno avanço e sendo assegurado em documentos como LDB e Planos Nacional de Educação, Proposta Curricular, dentre outros, não foi possível a execução da maioria dos direitos expostos nesses documentos, de mesmo modo, não se conseguiu garantir a equidade para estes alunos conseguirem realizar seus estudos de forma justa e merecida.

Um segundo aspecto, trata da história de vida destes pesquisados. Não foi fácil a conquista desses sujeitos e nem a continuidade de suas vitórias. Faz-se necessário que a sociedade colabore para a melhoria da educação brasileira, para que mais pessoas possam ter acesso ao ensino superior. Por hora, exaltar a história destes alunos é necessário e urgente.

Por fim, que esta pesquisa venha somar com outros estudos e reflexões de pesquisadores desta área que ainda possui um déficit grande de olhares sobre esta modalidade. Compreendemos que muito se foi mudado, mas que também há muito que se mudar. Nós, seres humanos, estamos sempre em evolução, acreditamos que talvez em um futuro longínquo, entendermos que todos nós somos diferentes, mas que temos os mesmos direitos e deveres junto à sociedade. Só assim, reconhecendo esses sujeitos de direito, reconhecendo o direito à educação de qualidade para todos; que profissões não precisam de classificação e que as

escolhas sejam totalmente dos sujeitos que as buscam, sem preconceitos e com salários justos e tempo de trabalho equilibrado é que teremos uma sociedade justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzáles. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. (p. 19-50).

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

CARMO, Gerson Tavares do. et al. (Org.) **Sentidos da permanência na educação: o anúncio de uma construção coletiva**. 1ª ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 2016.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação- Lei no 9.394/96**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília-DF: MEC/SEF, 1996.

FRAZÃO, Dilva. Biografia de Paulo Freire. ebiografia. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.ebiografia.com>
Acesso em: 26 de abril de 2021.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar**: Carta de Paulo Freire aos professores. 10ª ed., p. 27-38 São Paulo: Olho D'Água, 1993.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 24ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000b.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Esperança: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido/Paulo Freire – Notas**: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000 a.

_____. **Pedagogia do Oprimido**: 46ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: Teoria e Prática em Educação Popular** 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

GADOTTI, Moacir. **Convite à Leitura de Paulo Freire**. São Paulo – SP: Editora Scipione, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

Instituto Nacional de Estudo e Pesquisas Anísio Teixeira – INEP Gov.br Disponível em: <https://www.gov.br>.

Acesso em: 26 de abril de 2021.

JOÃO PESSOA. Secretaria de Educação, Cultura e Esporte. **Construção de uma Proposta Curricular da EJA (2º Segmento)**. João Pessoa. Paraíba, 2009.

MARIA. Bárbara, Informativo eletrônico. Cidadeon/Ribeirão Preto – SP. **Apenas 36% dos alunos da rede pública ingressam na faculdade**.

Disponível em: <https://www.acidadeon.com>.

Acesso em 26 de abril de 2021.

SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor** / Ira Shor, Paulo Freire; tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

PAIVA, Jane. Direito à educação: permanecer na escola é um problema público? In: CARMO, Gerson Tavares do (org.). **Sentidos da permanência na educação: o anúncio de uma construção coletiva**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 2016. (p.111-127)

RUMMERT, Sonia Maria. et al. (Org.) **Educação de jovens e adultos trabalhadores: história, lutas e direito em risco**. Uberlândia. MG: Navegando Publicações, 2019.

SANTOS, Geovania Lúcia dos. **Educação superior ainda que tardia: sentidos da formação e significados do diploma entre adultos com antecedente escolar na EJA**. 2019.336 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2019.

SILVA, Valdecy Margarida da. **Alfabetização e letramento: contribuições à formação de professores alfabetizadores da Educação de Jovens e Adultos**. 2012. 233 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil, 2012.

SOARES, Leôncio; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Uma história da alfabetização de adultos no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). **História e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 257-277.

SOARES, Leôncio. As políticas de EJA e as necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos. In: RIBEIRO, Vera Masagão. **Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras**. 1ª reimpressão. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

SOARES. Leôncio, GIOVANETTI. Maria Amélia Gomes de Castro, GOMES. Nilma Lino, In:_____. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Do direito á educação á formação do educador de jovens e adultos. – 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. P.273-289.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

TOLEDO. Luciano Augusto; SHIAISHI. Guilherme de Farias, Estudo de caso em pesquisas exploratórias qualitativas: **Um ensaio para a proposta de protocolo do estudo de caso**. Revista FAE, capa, v.12, n.1 2009.

ANEXO A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Roteiro de pesquisa para a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Este roteiro tem por finalidade conhecer um pouco sobre quem é o aluno da modalidade da Educação de Jovens e Adultos – EJA, bem como mostrar em nível de uma pesquisa descritiva e qualitativa sua história de superação, pois o trabalho visa discutir o perfil desses alunos e os desafios que enfrentam até ingressar no ensino superior.

Nome do entrevistador: Osiolany da Silva Cavalcanti

Nome do entrevistado:

Data da entrevista:

Horário e local da entrevista:

- 1- Qual seu estado civil?
- 2- Qual sua idade?
- 3- Onde você mora?
- 4- Onde trabalha?
- 5- Qual o motivo de não ter terminado os estudos no ensino regular?
- 6- Qual a importância da modalidade da Educação de Jovens e Adultos para você?
- 7- Como teve acesso ao ensino superior?
- 8- Qual (quais) dificuldade(s) enfrentou?
- 9- Conte-me um pouco sobre sua trajetória nos estudos e sobre sua superação para terminar a Educação de Jovens e Adultos e ingressar no ensino superior. Caso tenha terminado o ensino superior, conte com o que trabalha.